

ARTIGO DO " PAVORAMA "



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
PORTO-PORTUGAL

N.º _____

Ciclo de Estudos sobre "O Porto e os Descobrimentos"

Tenho a honra de relembrar a V.Exª. que o Ciclo de Estudos sobre "O Porto e os Descobrimentos", integrado nas Comemorações do V Centenário do nascimento de Vasco da Gama e para o qual contamos, de acordo com a deferente anuência ao nosso convite pessoal, com a valiosa colaboração de V.Exª., decorrerá nos próximos dias 19 e 20 (sexta-feira e sábado), na Casa do Infante.

A sessão inaugural do Ciclo realizar-se-á no dia 19, pelas 17 horas. Uma hora antes, haverá uma reunião dos participantes, para elaboração da agenda dos trabalhos.

Apresento a V.Exª. os meus respeitosos cumprimentos.

Pela Comissão do Ciclo de Estudos,

O Presidente,

(Prof. Doutor António Cruz)

IMACINÁRIA DE MARFIM LUSO-ORIENTAL

NAS COLECÇÕES DO PORTO

A avaliar pela profusão de exemplares de imaginária luso-oriental ainda existentes em Portugal e no estrangeiro, disseminados por igrejas, capelas e oratórios, colecções particulares, museus, instituições e antiquários, pode imaginar-se quão grande teria sido a produção oficial do Oriente português trabalhando sob a égide das nossas Missões, destinada ao culto local e à exportação para a metrópole, o ultramar e os países que então gravitavam na órbita da nossa política e cultura.

Embora não se conheça documentação publicada que coloque no tempo essa imaginária e indique os seus locais de fabrico, é possível, a partir das respectivas características e maneirismos e por comparação com as imagens ocidentais em que se inspirava, determinar a sua provável época (tendo presente o arcaísmo das artes ditas coloniais) e as zonas geográficas em que foi produzida.

Até há pouco tempo todas as imagens de marfim conhecidas eram sistematicamente atribuídas à arte indo-portuguesa das oficinas goesas, talvez porque à falta da sua inventariação não era fácil confrontá-las e discernir as sensíveis diferenças de características que apresentam.

Tentei, numa pequena nota publicada há tempos na revista "MVSEV", identificar as grandes zonas de produção da imaginária luso-oriental que julgo serem fundamentalmente quatro: a costa indiana do Malabar; a ilha de Ceilão; a China e o Japão. Nessa nota se faz notar que em face dum princípio de inventariação realizada em que foram analisadas mais de mil imagens de marfim, a sua

grande maioria (95,5%) pode atribuir-se às oficinas continentais do Indostão, sendo invulgares as imagens de Ceilão (2,9%), raras as da China (1,4%) e raríssimas as do Japão (duas por mil).

Mal se compreende que tendo sido tal a abundância desta imaginária de marfim e tão representativa duma arte que de sobremaneira nos deveria interessar pela sua ligação com a gesta da expansão portuguesa no Oriente, tão minguada seja a literatura que lhe consagram os nossos tratadistas da arte portuguesa e até os especialistas da indo-portuguesa. De facto nas suas obras aludem apenas à produção goesa do séc. XVII, ilustrando-as com exemplares pertencentes aos museus e colecções particulares clássicas, com um exclusivismo que parece filiar-se na ignorância da existência de outros mais representativos ou raros. Da mesma ~~peça~~ enfermam, aliás, as exposições de imaginária ou das artes orientais que se têm realizado, onde o critério da escolha das peças apresentadas não tem sido mais feliz.

Naturalmente que isto se deve por um lado à aludida falta de documentação e, por outro, à inexistencia de inventários pois que divulgados, embora, os exemplares dos museus e de algumas grandes colecções, têm ficado no limbo os numerosos e representativos espécimes que exist~~am~~ nas pequenas colecções particulares. Além do mais parece haver um certo desprezo pelo valor artístico destas peças que se é certo na grande maioria não são notáveis pelo trabalho, bastantes têm real qualidade, muitas vezes superior à dos exemplares produzidos nas oficinas metropolitanas dos sécs. XVI e XVII que tão ciosamente se conservam e estudam.

Tais factos talvez justifiquem a ausência de imaginária de marfim luso-oriental em alguns dos nossos museus ou a sua exis-

tência pouco representativa noutros e a incúria que tem havido na respectiva aquisição ou arrolamento. Haja em vista o sucedido com a colecção de centenas de imagens de marfim do falecido Comandante Ernesto de Vilhena que, paulatinamente, têm sido leiloadas em Lisboa em discretas almoedas. Esta colecção, possuindo verdadeiras raridades, que sabemos não foi inventariada antes da venda nem qualquer das suas peças arrolada ou adquirida pelo Estado. Tudo se dispensou alegremente.

De resto estes e outros factos integram-se na nossa fatalidade ancestral. Portugal, que nunca teve uma tradição autóctone do trabalho em marfim, ~~medi~~ graças aos seus íntimos contactos com o Islão, directamente ou através a vizinha Espanha, e as relações políticas com os países europeus exportadores de marfins medievais, apenas conserva algumas peças dessas procedências e até dos trabalhos afro-portugueses (indevidamente apelidados de Benim) que facilmente poderíamos ter colectado e fazem hoje o orgulho dos grandes museus da Europa central e da América, apenas nos restam amostras.

Foi a produção luso-oriental de quinhentos a oitocentos que transformou Portugal num dos países com mais densa distribuição de imaginária de marfim no mundo e mesmo dessa grandeza não soubemos acautelar quando devíamos nem estudar o que resta do perdido pela nossa habitual incúria, guerras, revoluções, terramotos e, sobretudo, pela pilhagem ~~em~~ sistemática que os marfins sofreram e sofrem das angariadores estrangeiros e nacionais, com vista à valorização dos fundos dos grandes museus de Londres, satisfação do saudosismo dos portugueses do Brazil e fictício aumento dos desfalcado espólio dos marfins hispano-filipinos da nação vizinha.

Imprevista e providencialmente, quatro tipos de coleccionadores se congregaram para evitar um éxodo fatal: aqueles que, desde o séc.XIX até à actualidade, juntam objectos de marfim apenas pelo

prestígio e riqueza do material e, naturalmente, englobam algumas imagens indo-portugueses no acervo heteróclito das peças puramente orientais importadas da China e do Japão (de gosto e época discutíveis) e das inúmeras cópias tabeladas de obras-primas do medievalismo francês e inglês ou da Renascença italiana e alemã (na realidade fabricadas a partir do séc.XIX para estrangeiros incautos e negociantes pouco escrupulosos); aqueles outros que, mais por tradição do que por interesse artístico, conservam nas suas casas imagens de marfim herdadas; aquelas muitas que, mesmo sem conhecimentos especiais da matéria, encontram no exotismo da imaginária indo-portuguesa motivo bastante para a coleccionar, atendendo mais ao número do que à sua qualidade ou raridade; o novo tipo dos coleccionadores-argentários a quem menos pesa a categoria das peças de marfim do que o seu espalhafato de dimensões ou exagero de preço, juntando numa saudavel ignorância à inteligente noção da produtividade do investimento; e, finalmente, aqueles que se podem considerar integrados na "nova vaga" (embora vinda já dos anos quarenta) e que sem apoio de bibliografia especializada e com falta de mentores idóneos, souberam, por pura intuição, aparada sensibilidade artística ou intenso trabalho de procura e estudo individual, juntar pouco a pouco (sábe-se bem com que dificuldades) espécimes luso-orientais de maior raridade e beleza.

Estes da "nova vaga" interessam-nos muito especialmente, não só por serem as suas colecções o alfobre das especialidades desta imaginária mas também porque, de alguma maneira, está ligado ao Porto o início deste movimento, quando por voltas de 1940 um punhado de coleccionadores incipientes, com mais cultura que dinheiro, se propuseram movimentar o estagnado panorama da compra e venda de antiguidades, mentalizando os interessados na procura e reintegração

do nosso património decorativo de seiscentos, metropolitano e indo-português. Esse movimento viria a estender-se a todo o país (nomeadamente a Lisboa) mas é ainda no Porto que se encontram as colecções mais interessantes que se lhe ficaram devendo.

Entrando propriamente no estudo sumário da imaginária que nos interessa, verifica-se que é constituída por imagens de vulto, isoladas ou constituindo conjuntos (com ou sem oratórios próprios) e por placas relevadas, excepcionalmente formando polípticos.

Como materiais empregou-se o marfim nas placas, e a madeira, o marfim ou ambos estes materiais nas imagens de vulto.

Nas imagens de marfim, normalmente este aparece à vista sendo por vezes policromados os cabelos, boca e olhos e dourados a ouro fino pormenores da indumentária. Em alguns casos (como o dos "Bons-pastores") a policromia generaliza-se a fundos e elementos decorativos.

A grande maioria das imagens de vulto isoladas e os relevos comuns representam invocações da Virgem, sendo mais frequente a da Imaculada Conceição, simples ou de tipo franciscano, com o Menino e, por vezes, com o Rosário.

Outras imagens muito correntes são os "Bons-pastores" de vários tipos, as representações do Menino Jesus de pé, os santos do hagiológico, S. José, S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, S. Sebastião, etc.

Conjuntos correntes são os dos Calvários de pousar, onde além de Cristo crucificado, morto ou agonizante, aparecem quase sempre Nossa Senhora das Dores, S. João Evangelista e, por vezes, St^a. Maria Madalena penitente, estendida, e os Passos da Paixão em pequenas figurinhas. Estas imagens, que aparecem frequentemente isoladas, faziam parte de conjuntos que foram desmembrados.

Conjuntos bastante comuns são os que representam St^a.Ana com Nossa Senhora menina, sendo invulgares as "Sagradas Famílias" e raríssimos os "Presépios" e "Árvores de Gessé".

Copiando a imaginária luso-oriental, normalmente, os protótipos enviados da metrópole, com adaptação das técnicas e maneirismos da arte indígena e influência dos conceitos das religiões locais, têm especial interesse aqueles modelos em que esta influência é mais vincada, caso dos conhecidos "Bons-pastores" com peanha historiada, que não se inspiraram em modelos conhecidos e têm manifesta influência budista e induísta no fundo que estas religiões têm de comum com o Cristianismo.

Nestas imagens aparecem modelos arcaicos em que o Menino Jesus como "Bon-pastor", dormente e com os seus atributos (ovelha do colo, ovelha do ombro, cabaça, bernal e cajado) se senta no alto de peanhas simplesmente decorativas ou simulando um monte. Numa evolução de requinte este monte divide-se em socalcos e ornamenta-se com motivos vários: o rebanho do Pastor Divino pastando em vegetação difusa, rodeando uma fonte ou chafariz de tipo renascentista; uma árvore erguendo-se por detrás do Menino, tendo na copa o Padre Eterno e o Espírito Santo; grutas albergando a Madalena penitente estendida e dois leões.

A par destes modelos simples, outros existem monumentais de tamanho, qualidade de trabalho e profusão de representações, umas sacras, extraídas da Bíblia, do hagiológico e da imaginária da nossa Contra-reforma, outros do bestiário, da flora e da arte tradicional indiana: Nossa Senhora e S.José, S.Francisco de Assis, S.João Batista, St^a.António e S.Domingos, S.Pedro arrependido e S.Jerónimo da caverna, os quatro evangelistas, o pelicano com os filhos (símbolo da Eucaristia e da Paixão de Cristo), o "Presépio",

a visita de St^o.Antão a S.Paulo eremita, o baptismo de Cristo; pequenos animais tais como lagartos, escorpiões, cobras-capelo, cágados, aves afrentadas; plantas com significado mítico da eterna juventude e vasos da ~~f~~ertilidade, etc, etc.

Não sendo possível, dada a limitação de tempo imposta, apresentar uma documentação que represente a diversidade da imagi-nária de marfim Inso-oriental, optou-se por projectar uma série de peças que sendo das mais interessantes de algumas das colecções portuenses grandes, médias e pequenas, possam dar, simultâneamente, um panorama daquela diversidade e ideia da qualidade das ditas colecções.

PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

XX

XX

Of. N°75 P
SL/MM

Exmo. Senhor
Engº. Bernardo Ferrão

Junto devolvo 10 fotografias que V. Exa. se dignou emprestar para ilustrar o artigo "IMAGINÁRIA INDO-PORTUGUESA DE MARFIM", inserto na revista "PANORAMA" N°32-IV Série.

Com os melhores agradecimentos, apresento a V. Exa. os meus cumprimentos de elevada consideração.

Lisboa, 30 de Outubro de 1970

O CHEFE DA REDACÇÃO

António Pedro de Sousa Leite

(António Pedro de Sousa Leite)

ANEXO: 10 fotografias

Of. nº27 P

AL/MM

Exmo. Senhor

Dr. Bernardo Ferrão

Junto envio a V. Exa. 2 fotografias de um cristo indo-português de marfim pertencente à colecção do Dr. António Pedro de Sousa Leite e que gostaríamos fosse incluído na ilustração do seu artigo que já foi resolvido inserir no próximo número de "PANORAMA" dedicado a El-Rei D. Manuel I, como inicialmente tínhamos acordado com V. Exa..

Caso entenda que este cristo tem o merecimento indispensável para tal fim, e está dentro do seu critério selectivo, agradecemos o favor de nos enviar, com a possível brevidade, a respectiva legenda.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exa. os meus melhores cumprimentos.

Lisboa, 27 de Abril de 1970

João Paulo de Abreu Lima

(João Paulo de Abreu Lima)

ANEXO: 2 fotografias

Volundo 16/12/55
11.000 e 11.000
11.000 e 11.000

Lisboa, 3 de Dezembro,
1955

Com o cumprimento da Direcção Literária da Revista Anorama, aqui fineto o Cachet do Artista "Martins Inds. Portuguesas" que também atores foi leva a tempo, para edição! Nos se fez o 2º numero da Revista Anorama, sobre o I Centenario do descobrimento de Vasco da Gama, devido a fauti decalage dos numeros publicados este ano: esta em edição o 3º dos 4, o qual, posta-

mente, e' sobre Vasco da Gama e o seu Centenario... - Nas por culpa do Direcção Literária...

Mas, o seu artigo e' sempre oportuno, e Terá, no proximo ano de FO, publico, e se for dos libertos do compromissos actual. Se por acaso tivesse em outros assuntos que lhe interesse, diga-lhe com franqueza: Tomaremos a's muitos artigos seus!

Com os meus cumprimentos afectuosos para sua mulher, e também para si, relembro do aquelle dia da Terceira, sou a sempre e admiradora
Morim de Castro Pereira

Porto, 16 de Outubro de 1969

Exm^a. Srs^{as}. D. Maria de Castro Parreira
Redação da revista "PANORAMA"
Palácio Foz

Lisboa

Minha Senhora

Embora um pouco atrasado relativamente ao prazo que me fixaram para a sua entrega, junto envio o artigo para o "PANORAMA" próximo, tratando de marfins indo-portuguêses.

É impossível fazer-se uma amostragem do seu interesse com poucas fotografias e, por isso, julgo ser indispensável a reprodução das dez que junto a título devolutivo, visto pertencerem ao meu inventário, não possuir as respectivas películas, e terem sido tiradas por fotógrafos vários, não identificáveis.

Agradecia que me fossem devolvidas no estado em que vão, pois são únicas.

Quanto ao texto, pareceu-me conveniente não insistir muito na especialização do assunto, a poucos interessando, e mais nas providências que urge tomar contra o desaparecimento, do país, das imagens de maior interesse.

Julgo que o que digo é publicável numa revista mesmo dependente do Estado.

Ao inteiro dispôr para tudo o que queira determinar-me, é com os melhores cumprimentos de toda a estima e consideração que se subcreve o



IMAGINÁRIA INDO-PORTUGUESA DE MARFIM

Por Bernardo Ferrão

Há uma certa tragédia no desfazer das grandes colecções de arte que, entre nós, o martelo implacável e indiferente do leiloeiro dispersa, para gáudio de uns tantos amadores mais ou menos endinheirados, e cobiçoso interesse de outros tantos negociantes caindo sobre os lotes da almoeida com rapacidade que prenuncia pingues negociatas.

Pensa-se quanta dedicação, persistência e cultura foram precisas para acumular, peça a peça, durante uma vida, tanta riqueza artística, nos tempos em que menos valia o dinheiro do que a antevisão esclarecida da sua raridade e valor, meritória porque então era geral a abundância das espécies e sistemático o desinteresse do público.

Vem tudo isto a propósito dos discretos leilões realizados (e a realizar), em Lisboa, de parcelas da colecção do falecido Comandante Ernesto de Vilhena, dispersando lotes ecléticos de porcelanas da China, faianças portuguesas e tantas outras espécies, com predominante núcleo indo-português, incluindo este inúmeros lotes de imaginária de marfim.

Sabido como é que na colecção em causa (a muito poucos patenteada em vida do seu possuidor) era, precisamente, notável o conjunto dessa imaginária, composto de centenas de peças de desigual valor, mas único pela sua variedade e abundância e, até, porque alguns exemplares possuía ímpares pelo modelo, dimensões e raridade dos motivos.

São do conhecimento público a aquisição, ultimamente feita pelo Estado, de grande parte das imagens de madeira e pedra da colecção Vilhena (oportunamente expostas em Lisboa), e a inventariação de que foi objecto, com fins de arrolamento das espécies julgadas de interesse para o património artístico nacional.

Desconhecemos os resultados deste procedimento, mas nos leilões realizados, e no tocante à referida imaginária de marfim indo-portuguesa,

não se tomou conhecimento de que o Estado tivesse arrolado qualquer dos raros exemplares vendidos, ou optado pela sua aquisição na praça,

Teriam sido, ao menos, devidamente estudado por especialista competente esse magnífico conjunto antes de autorizada a sua dispersão?

Esperemos que sim, porque a avaliar pelos preços que ~~têm~~ attingido no mercado do bricabraque as imagens mais raras, é de temer que vão parar ao estrangeiro ou, então, caíam nas mãos dos novos-ricos que agora compram por qualquer preço, mas a coberto dum anonimato pelintra que impede ulterior detecção e estudo.

O velho sonho da instalação dum museu das artes luso-orientais que recolhesse o que está disperso pelas colecções de Entidades públicas e do Estado (tanta vez jazendo nas arrecadações), promovesse doações e depósitos dos particulares, e estivesse atento às vendas que cá e no estrangeiro se fossem realizando, parece não mais se objectivar.

E, ~~no~~ entretanto, leilões e antiquários (encartados ou não) foram alegremente dispersando, nos últimos anos, pelos ávidos coleccionadores espanhóis e brasileiros, centenas de espécimes do maior interesse, enquanto os grandes museus londrinos, franceses, alemães e italianos adquiriram, com oportunidade e consciência incontestáveis, aqueles que consideravam elementos fundamentais à história das relações artísticas da Europa com o Oriente que, parece, a nós de sobremaneira deveria interessar.

Nem se pense, sequer, que no tocante a imagens indo-portuguesas de real valor, sejam ricos os fundos dos nossos museus e, até, ~~as~~ consagradas colecções eclécticas de marfins, cujos detentores mais se inclinam a apreciá-los pelas dimensões e aparato, preferindo peças de pretensas oficinas europeias que, não raro, são de época e autenticidade mais que duvidosas.

Perdidos os exemplares que restavam na nossa Índia, dispersos tantos outros, e dos melhores, pelo mundo, colectados ao sabor da sorte e da ignorância os muitos que o mercado nacional oferecia, ainda foram alguns

poucos e modestos, mas esclarecidos, coleccionadores particulares (honra lhes seja) ~~que~~ que, ultimamente, a tempo arrecadaram um saldo representativo do espólio sobran-te, que, urge inventariar e estudar, devidamente, enquanto nas suas mãos se conserva.

Seria lastimável que este panorama incongruente proviesse dum desconhecimento, quase generalizado, da existência ou do valor relativo dos bons marfins orientais, mas certo é que sempre os mesmos consabidos exemplares monotonamente se exibem nas exposições realizadas, e são citados nas obras da especialidade, como se outros não houvesse mais representativos da imaginária indo-portuguesa.

Existe, de resto, uma certa e generalizada tendência para se considerar esta imaginária como subsidiária relativamente às artes da sumptuária da mesma origem, talvez no entendimento que a sua relativa abundância, proveniência de artesanato oficial, pouca originalidade com repetição de motivos e dependência de protótipos da metrópole, lhe diminua o interesse artístico, histórico ou religioso.

Toca-se, prudentemente, a nota do exotismo, da convergência que apresentam de complexos simbólicos, e da incrível paciência e habilidade do artezão indiano seu autor, quando se fala de imagens indo-portuguesas, mas esquece-se que muitas têm real valor como objectos de arte e, no modesto panorama da nossa estatuária religiosa coeva, não ficam muito áquém da grande maioria daquelas que, sob o influxo de modelos, mestres ou correntes artísticas estrangeiras, produziram os desprezíveis artezãos ou oficinas metropolitanas.

Toda a gente conhece, aliás, os marfins indianos de influência portuguesa que representam Cristos crucificados, Virgens da Conceição de modelo canónico, Meninos Jesus, Santos de maior devoção do hagiológico da nossa Índia (nomeadamente S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, S. António), e a série monumental dos "Bons-pastores", todos, felizmente, ainda aparecendo às centenas por esse país fora.

Já poucos terão apreciado as imagens de Crucificados arcaicos, de raras invocações da Virgem, as peças de Presépios desirmanados, os "Bons-pastores" aberrantes do tipo comum, as placas com figuração de Santos ou cenas evangélicas, os Calvários completos, de vários tipos.

Raros serão (mesmo entre os pretensos conhecedores), aqueles que alguma vez viram ou se debruçaram, conscientemente, sobre o requinte artístico de composição e de carácter, das placas e imagens atribuíveis à arte singular-portuguesa.

Não se compadecem o intuito e a extensão desta nota com a explanação minuciosa das vicissitudes históricas e artísticas da imaginária proveniente da nossa Índia, e nem ela seria fácil, no momento, dada a carência de inventários, pouca abundância de estudos monográficos e falta de publicação de documentos coevos.

Sabe-se que a característica arte indiana de trabalhar o marfim (com fundas raízes numa tradição que vem desde os sécs. I a IV com as magníficas placas descobertas em Begram), foi aproveitada e incentivada depois da chegada dos portugueses à Índia em oficinas ou santeiros que, provavelmente sob a égide das nossas missões evangelisadoras, reproduziram, a partir de protótipos enviados do ocidente, imagens de todos os tipos, tamanhos e invocações, para o culto dos neófitos cristãos indígenas, dos portugueses lá residentes e dos fieis da metrópole.

A partir do séc. XVI, e sobretudo nos sécs. XVII e XVIII, milhares de imagens devem ter sido executadas em marfim, madeira e ambos os materiais, a par de inúmeros santuários e outras alfaias sacras. E tal foi a abundância daquelas que alguns dos seus tipos (como Crucificados, Virgens e "Bons-pastores"), podem considerar-se, ainda, comuns no país, malgrado todas as depradações, expropriações e perdas que têm sofrido.

Naturalmente não podiam os artezãos indígenas deixar de marcar esta imaginária (mesmo decalcando modelos europeus) com o selo inconfundível da milenária tradição dos cânones da arte indiana e do espírito das

grandes religiões induísta e budista em que haviam nascido.

Por isso tem um sabor inconfundível, e mesmo nas suas mais ingênuas ou frustes reproduções, se sobrepõem, na cópia do modelo europeu, sem artificialismo, a fê do neófito, a habilidade minuciosa do artista e o exotismo e simbolismo orientais.

Além do mais, nem todas as peçasse apresentam com a modéstia de reproduções despretenciosas de artesanato, ou porque saídas das mãos de santeiros mais artistas, ou resultam de encomenda especial, ou se inspiram em modelos categorisados, ou, ainda, por serem provenientes de zonas em que o tradicional trabalho indígena de marfim atingiu maior requinte.

É possível, perante grandes séries de imagens de invocações ou tipos semelhantes, distinguir, perfeitamente, os trabalhos especiais dos de fabrico corrente, os da costa de ~~Malabar~~ ^{Coromandel} dos de Ceilão e, até, particularisar a produção de determinadas oficinas ou mãos, embora a já referida carência de elementos documentais impeça qualquer tentativa de atribuição ou data, até porque são sempre anónimos e raríssimamente datados ou datáveis.

A pequena e arbitrária selecção de imagens reproduzidas nas gravuras, apenas pretende mostrar a beleza ou expressão de algumas, a raridade ou arcaísmo de outras, a diversidade de trabalho das oficinas e a originalidade com que o artezão indiano tratava os modelos europeus que o inspiravam.

Porto, 15/ outubro/ 1969
Y. Almeida Fernandes

Fig. 1 - Nossa Senhora. Trabalho da costa de Coromandel, talvez ainda do final do séc. XVI. Notar o arcaísmo da rara forma cilíndrica da imagem, o característico cair das madeixas da forte cabeleira, a expressão devota e concentrada, a simplificação do tratamento escultórico, a harmonia do das largas pregas do manto e o do plissado maneirista da túnica. Colecção de Arq^o. Fernando Távora, Foz do Douro. 59.1

Fig. 2 - Cupido. Trabalho da costa do Coromandel, provavelmente do final do séc. XVI, raríssimo por representar um protótipo da mitologia europeia, embora possivelmente ligado à iconografia clasicista dos Meninos Jesus. Figura harmoniosamente desenvolvida em curva (a que faltam arco, flexa, carcaz e asas), com o forte tratamento anatómico e a inexpressividade fisionômica características da arte indo-portuguesa, tendo o cabelo tratado em belos caracois à maneira dos Budas de Mathurâ. Colecção do autor, Foz do Douro. 221.1

Fig. 3 - Cristo crucificado, morto. Trabalho atribuível às oficinas de Ceilão do final do séc. XVI, raro modelo pelas formas anatómicas pouco pronunciadas (mas muito estudadas e espiritualizadas), requintado tratamento do cabelo e do cendal (com pregas e laço maneiristas), e expressão de uma grande nobreza. Idêntico ao existente na catedral de Bordeus que P. Thoby atribue ainda ao séc. XV. Colecção ^{do} Dr. José Braga, Porto. 408

Fig. 4 - "Bom-pastor". Trabalho do séc. XVII das oficinas goesas. Peça policromada, monumental pelo trabalho e rara pela actumulação de motivos hagiológicos cristãos na peanha: o Presépio, o "Bom-pastor" adulto dando de beber a uma ovelha; os quatro evangelistas; S. Francisco e S. António; a "Árvore" (de origem oriental e raramente conservada) com o Padre Eterno. Antiga colecção do Comandante Ernesto de Vilhena, Lisboa. 774.1 (H. Rego).

Fig. 5 - S. João Baptista. Trabalho em madeira e marfim policromados, do séc. XVII. Embora com todas as características officinais da costa de Coromandel (incluindo a túnica com pele de lião em vez de camelo), tem uma delicadeza de tratamento dos cabelos e beleza do rosto que são raros nas peças dessa origem. Colecção^{do} Dr. Artur Corte Real, Foz do Douro. 346

Fig. 6 - Nossa Senhora de ao-pé-da cruz. Trabalho do séc. XVII, de marfim, de tipo continental e muito característica das representações de Calvários, onde acompanha sempre S. João Evangelista e, por vezes, a Madalena penitente e passos da Paixão de Cristo. Além do belíssimo tratamento naturalista dos ~~pequenos~~ ^{pequenos} detalhes da roupa, apresenta uma expressividade dolorosa e resignada que ~~é~~ ^é invulgar~~em~~ neste modelo de imaginária. Colecção^{do} Eng^o. Manuel Peixoto, Foz do Douro. 347

Fig. 7 - Presépio. Placa de marfim do séc. XVII, atribuível às oficinas cingalesas. Com uma notável compartimentação de espaços, plena de figuração expressivamente distribuída, apresenta todas as características da sua origem: representação da indumentária em plissados paralelos, estruturas esquematizadas, tratamento maneirista dos rostos, decoração ~~com~~ medalhões e per lados esféricos e alongados. Notar o traje dos pastores e anjos à maneira dos "reinois" da nossa Índia. Pertence ao Museu Nacional da Arte Antiga, Lisboa. 512

Fig. 8 - Menino Jesus com os símbolos da Paixão. Imagem de marfim do séc. XVII, das oficinas goesas, revestido com túnica de fímbria decorada, e uma espécie de "garnacha" ainda de tipo medieval, ~~com~~ ^{com} as mangas golpeadas e escapulário em que figuram os símbolos. Versão duma iconografia metropolitana coeva característica da Contra-reforma, apresenta um tratamento excepcionalmente cuidado, que se salienta na representação da indumentária, na dignidade da postura e expressão, e no fino cinzelado da cabeleira. Colecção^{do} Arq^o. 512

João Miguel Teixeira, Lisboa 554

Fig. 9 - Nossa Senhora da Conceição. Marfim goês do final do séc. XVII, traduzindo a tradicional representação da Virgem fixada no barroco seiscentista hispânico, de mãos erguidas e calcando aos pés o dragão. Imagem de grande dimensão e nobreza, com características maneiristas de oficina de que se conhecem mais exemplares, marcadas pelo trabalhado do cabelo, decoração do decote e pregueados laminares das orlas do manto. Foi oferecida pelo Governo Português a Sua Santidade o Papa Paulo VI quando da sua vinda a Fátima em 196 . 24

Fig.10 - Nossa Senhora da Conceição. Marfim do séc. XVIII das oficinas continentais de Indústão, conforme às Imaculadas metropolitanas coevas, requintando-se nos pregueados soltos e esvoaçantes da roupagem e do véu. Posição invulgar e delicada das mãos, e fisionomia juvenil de expressão indianisada. Colecção Pedro Silva, Lisboa. 607.1



Of. Nº76 P
AL/MM

Exmo. Senhor
Engº. Bernardo Ferrão
Rua da Senhora da Luz, 24
P O R T O

Encontrando-se em gozo de férias nos Açores a Exma. Senhora D. Maria Parreira, cabe-me a honra de responder à prezada carta de V. Exa. datada de 14 de Agosto.

O artigo "Imaginária indo-portuguesa de marfim", destina-se ao número 32-IV Série, dedicado ao Centenário de El-Rei D. Manuel.

No presente momento estamos perante um grave problema de espaço, em relação ao número dedicado a Vasco da Gama e temo que se acabe por verificar o mesmo em relação ao número de D. Manuel.

Afigura-se-me que o artigo não deve nem pode ser muito extenso e que o número das suas ilustrações deve ser reduzido o mais possível.

Assim 10 páginas e 20 ilustrações para um só sector da Arte no Reinado de D. Manuel é um artigo demasiadamente longo.

"PANORAMA" agradece, dentro da medida do possível, um artigo de especialização, curto e máximo de meia dúzia de fotografias que deverão ser muito boas e no formato 18x24.

O original deverá ser entregue o mais tardar até fins de Setembro próximo.

Aproveito a ocasião para apresentar a V. Exa. os meus melhores cumprimentos.

Lisboa, 21 de Agosto de 1969

(João Paulo de Abreu Lima)

João Paulo de Abreu Lima

Conto e pedimentos em 14/8/69
10 bsp. de abril. e 20 bsp. ?
Meu Caro Bernardo:

Veja a ^{ma} ~~ex~~ Seclha Joanna
Maria de Castro Pereira, secretaria
da das Edições Panorama, em
organizada por numero especial
do "Panorama" sobre o Vasco da
Gama.

Teria a desportiva de escrever
um artigo para "Faz um numero
sobre o resultado da Chegada de
Vasco da Gama a Índia nas
novas artes decorativas?"

Compensação a D. de Labat...
Quem fecha tempo de ~~risco~~
sido?

Devia ser muito bem documentado
e este serviço importante. Todas
as despesas originadas com a
colheita da documentação.

Desculpa o quadro e me
pedem para formular a minha
fe e fidedignidade.
Poderia mencionar aquela ilustração
fechada e muito interessante, uma
vez que mesmo a sua publicação é
através do meu estat. P. 10/1/69